



OS RIDÍCULOS

292

Nº 198-15-8/4

DIRECTOR: SILVA NOBRE

PREÇO - 5100

TÁ-ME CÁ A PARECER QUE FALTAM
EM CAXIAS UMAS DÚZIAS DE GAJOS
QUE NÃO SÃO MELHORES QUE OS "PIDES

NÃO TE PARECIA
MUITA FARTURA...
LIBERDADE E COMIDA
AO MESMO

TEMPO?...

BANCO



OS GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS



O Mercado Comum Europeu começou um diálogo com a Liga dos Estados Arabes. Assim é que é. Claro que o mercado começou por ser Europeu, e só tinha que ver com países Europeus. Mas depois a gasolina aumentou. E a gasolina é árabe. E a gasolina é um artigo do mercado. E sem gasolina a gente não pode mercar coisas. Por isso o mercado foi a procura da gasolina para a mercar. E como a gasolina acaba por vir para a Europa, também não custa muito pensar que se pode muito bem incluir na agenda do Mercado Comum Europeu.

Ou vocês duvidam?

Vamos lá a ver se os amigos arabes acabam por ter juízo...

Em Chipre continuam as escaramuças. Macários já voltou a Londres. Resta saber quando voltará a Chipre — se o deixarem —. Em Genebra fazem-se várias sessões de conferências. Em Atenas também. Em Ankara também. Nas nações Unidas também.

Por fim, se houver sorte, todos chegam a acordo em que é preciso arranjar um cessar-fogo.

Depois é mesmo preciso cessar-fogo. Nem que seja por uns dias, como fazem os arabes e os judeus.

Sempre se vão entreendo todos: os diplomatas a diplomatar e os soldados a soldadar. Todos felizes.

Os franceses continuam a discutir a possível revisão das condições de entrada da Inglaterra para o Mercado Comum. Chirac, o ministro francês, vai (ou já foi) à Dinamarca para tratar desse assunto e de outros. Porque a França parece que enveredou definitivamente pelo caminho de não dizer que sim, a tudo. Além disso tem também a sua economia para assegurar, e nisto de economias, amigos amigos, negócios à parte.

Francos já está bom outra vez. Com grande satisfação dos seus adeptos, e certamente com muita pena dos seus adversários. Estes certezaza que a esta hora estão a lembrar-se do velho ditado "vado malo no se rompe..."

E talvez por isso mesmo foi criado em Espanha (algures em parte incerta) e em França uma organização anti-franquista. Mais uma. Esta tem a característica curiosa de ser chefiada por um representante monárquico e por um comunista o que prova que todos são amigos quando é preciso derrubar o fascismo...

Ah, já me esquecia: a questão entre arabes e judeus continua. Libaneses e palestinos fizeram mais uns reconzitos perto de Beirute. Só para se manterem em forma, uns e outros. Qualquer dia aqueles reconzitos parecem uma espécie de campeonato de futebol da segunda divisão.

E o árbitro é o Kissinger...

Na Argentina os "Montoneros" decidiram que não querem Maria Estela Peron como presidente. Não se sabe muito bem porquê, visto que se trata de um grupo de juventude, mas eles preferem um homem. Um homem é que é bom, dizem eles...

No Brasil como se sabe existe a censura — uma coisa que certamente as pessoas por aqui nem sabem o que é... — e os nossos colegas brasucas sabem muito bem que uma das coisas que um "fofo" censurado não pode fazer é deixar o cabelo em branco, que é para o povo não saber que houve cortes. Por isso os jornalistas brasileiros quando lhes cortaram os textos onde faziam da epidemia de meningite que por ali anda, puseram o título (que não tinha sido cortado) e depois encheram as colunas com receitas de culinária num jornal e com versos de Camões no outro.

Aé agora ninguém se queixou...

E o árbitro é o Kissinger...

Nixon está mesmo a tremelar no arame... na semana passada foi de novo removentado. Mas o ditador — o mesmo que a comissão julgadora da Câmara dos Representantes a sua destituição — para já um governador do Illinois já foi dentro e vai lá ficar três anos. Que é o que se chama ver as barbas do vizinho a arder. O pior é que agora já se pôde lhe pôde servir por as suas de molho.

Não há dúvida de que passámos de um regime de feroz opressão para um regime de liberdade: no tem po de Marcelo, havia uma sub-secretária chamada Lobo; agora, há uma ministra que se chama Pintassilgo...

Marcelo Caetano já escreveu um livro desde que está no Brasil. Adivinhámos o seu título: "Como arruinar países com um sorriso angélico".

O fado foi tísico. Depois, típico, turístico ou erudito. Agora, virou político.

Qualquer dia, ainda aparece um fado com letra de Mao Tse Tung...

Até a Tonicha já está politizada (em ritmo de "fox-trote").

Deus nos valha!

Diz ela, na sua nova cantiguinha, que "o patrão dum banco já não pode dar um grito".

Penha que alguns cantores ainda o possam!

Vestir os nós é obra de caridade em todo o mundo menos na Costa da Caparica onde, na semana passada, um grupo de rapazes só aceitou roupas e se vestiu, sob ordem de prisão...

Em Avila (Espanha), segundo noticia a Ani, uma porca deu à luz um estranho ser com cabeça, tromba e orelhas de elefante!

E, agora, como é que o Entroncamento vai responder a este fenómeno? Talvez fosse boa ideia uma couve que fizesse "miau"...

OS RIDICULOS

O MAIS ANTIGO
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR
SILVA NOBRE

PROPRIEDADE
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção e administração

R. Conde Redondo n.º 12 - 2.ª LISBOA
Tel. 53 85 85-53 76 49 48668-563158

Composto e impresso na "LIGRÁFICA" - S.A.R.L.
Rua de São Paulo, 110

DISTRIBUÍDO PARA TODO O PAÍS POR
AGÊNCIA PORTUGUEZA DE REVISTAS
R. SARAIVA DE CARVALHO - LISBOA

ORA CONTE-NOS...

QUE PENSA DO SEU PATRÃO?



POLIDOR DE ESQUINAS

NÃO ME FAÇA DIZER PALAVRÕES!

DE QUEM? MAS AINDA HÁ DISSO ?

MUITO BEM

EMPREGADO DE CONSTRUÇÃO CIVIL

DESEMPREGADO

ESCRITURÁRIO

FUNCIONÁRIA DUM PARTIDO

NÃO É MAU HOMEM.... PELO MENOS É O QUE DIZEM AS PROTEGIDAS DELE!...

PENSO QUE BEM ME LIXOU COM A VIAGEM PARA O BRASIL SEM SE QUERER AVISAR!...

VIVA O MEU PATRÃO QUE É CONTRA OS PATRÕES

ER-PIDE

DEREHEKEVDO

FERRA

BARRACADAS

LIBERDADE

O meu chefe hoje acordou mal disposto. Parece que de resto ele acorda sempre mal disposto. Ou melhor dizendo ele anda sempre mal disposto. Assim é que é. Não gosto de dizer mal de ninguém, e muito menos do meu chefe, não é por nada, mas o que não quero é que ele me tome de ponta, porque se hoje estou bem na vida a ele o devo: eu andava p'rá aí aos caídos, e ele descobriu o meu talento de repórter, e lá me ajudou a arranjar este emprego cá no jornal, e agora já posso dizer que estou bem.

Entro à hora que quero antes das nove da manhã, e saio quando me apetecer depois das dez da noite, o que é muito bom, porque assim já não tenho oportunidade de ir gastar dinheiro em cinemas nem em outras porcaria do mesmo genero.

Até porque me têm dito que os filmes agora são um blufu.

Sim senhor, um blufu. Eu nem os vejo — já disse que era porque estou sempre aqui muito descansado a trabalhar — pelo ripanso, já se vê, que a vida não está para a gente se matar, nem o meu chefe queria; assim que eu acabo de escrever trezentas páginas, diz-me logo para descançar um bocado.

Eu digo páginas, porque antigamente parece que chamavam a isto linguados, mas como o linguado está caríssimo, até me custava estar a estragar linguados mesmo de

papel. Por outro lado, e como eu sou muito conservador, não me agradam muito essas liberdades de andar para aqui a falar de linguado que já ouvi dizer que era uma coisa que não dava futuro nenhum.

No moderno cinema chamam-lhe erótico. E eu pelo que tenho ouvido dizer dos filmes novos que agora toda a gente pode ver, acho que são coisas pouca decentes, que uma pessoa se deve abster de comentar.

Aqui há dias estive um bom bocado p'ra aí um quarto de hora) a ler um jornal da semana passada que aqui deixaram ficar. Não li com muita atenção porque estava sempre ver quando é que o meu chefe entrava pela porta dentro e me gritava por eu não estar a trabalhar. Mas li uma critica de um desses filmes novos, desses que diziam que eram proibidos, e até me arrepiei todo.

Imaginem vocês... não. É melhor não imaginar. Olhem era uma porcaria do principio ao fim. Nem sei como é que as pessoas gostam de ir ver essas coisas, que já se sabe que acontecem, mas que no meu tempo aconteciam era à porta fechada.

Verdade seja. Estou-me a lembrar duma vez — era eu rapazola aí dos meus 34 ou 35! — que estava eu no Jardim da Estrela e sentou-se ali ao meu lado uma moçoila.... ena pá! Aquili é que eram carnes! Depois encostou-se para onde eu estava, e eu todo atrapalhado não fosse aparecer alguém que nos visse, mas

mesmo assim ainda lá fui encostando a mãozinha (a mãozinha era a minha) à blusa dela... e ali estive muito direito muito quieto, que era para ninguém desconfiar, se passasse e nos visse... mas depois quando eu já ia quase a meter a ponta do dedo

mindinho mesmo ao lado da costura, ela acho que teve que se ir embora, para algum sitio onde tinha que estar sem falta, porque levantou-se e só disse: —Mas que atraso de vida!

Coitada, ela se calhar também tinha que traba-

lhar com horário certo, e estava já atrasada...

Mas isto vem a propósito desses filmes onde parece que se passam cenas assim indecentes, e eu verdade verdade prefiro não os ver.

Acho que isso é uma degradação moral da juventude, e eu não vou nisso.

Por outr lado também preciso de justificar o meu ordenado, porque um conto e duzentos faz sempre jeito, e a gente não sabe o que o futuro nos pode reservar.

Aqui neste emprego estou bem, e como já disse saio cedo, pois vou daqui direitinho para o meu quarto e lá tenho o meu ratinho branco para me entreter.

E agora tenho que ir escrever mais umas folhitas, porque como já disse, o meu chefe anda sempre mal disposto, e não que ele chegue e veja que eu ainda só escrevi cento e vinte folhas.

DISFARCEI-ME
TÃO BEM
DE
COMUNISTA
QUE ATÉ
ME
MANDARAM
PARA O
ALENTEJO
CEIFAR!!!



A DIREITA

O homem limpou o suor da testa. Toda a manhã tinha caminhado através do denso bosque, seguindo a direcção que lhe tinham dado antes de sair da aldeia:

— Não tem nada que enganar: o senhor atravessa o bosque a direito, e tendo o cuidado de ver sempre ao seu lado esquerdo aqueles montes altos, que se estão a ver daqui. Depois de passado o bosque encontra um caminho para a esquerda e outro para a direita. Segui pelo do lado direito, que é o que vai ter à estação do comboio.

— E fica muito longe? — perguntara.

— Não senhor: aí obra de três horas a andar bem. Ainda lá chega com dia.

— E ainda um bocadinho... — comentara.

— Ora! Nada que se diga que é longe. Para o outro lado, sim: a outra estação do comboio que fica no caminho do lado esquerdo, essa é que é longe; levava para aí dois dias a andar bem!

— Retomou a marcha. A mala estava um pouco pesada, mas não a podia deitar fora: era tudo quanto tinha: uma muda de roupa, dois ou três livros e pouco mais.

O bosque adensava-se. O homem tinha dificuldade em ver ao longe os picos do monte e secretamente tremia só ao pensar que podia perder-se e ao sair do bosque não encontrar o caminho que ia ter à estação do comboio.

O sol estava agora a pino. A folhagem das árvores ainda deixava ficar algumas sombras que amenizavam a marcha. Mas de vez enquanto

havia clareiras por onde passava o sol escaldante.

Tinha que se apressar: o homem tinha-lhe dito que o comboio passava ainda de alto talvez lá para as cinco. Apressou o passo.

De repente, quase abruptamente a floresta terminou como tinha começado: numa parede lisa de árvores deixand-

ver à frente a planície seca e árida, sem uma árvore, sem um casebre, sem nada.

O homem encolheu-se um pouco dentro do casaco surrado e com uma determinação firme, começou a andar. O horizonte parecia cada vez mais longe. Nem sombras de qualquer caminho.

Teve um sobressalto de

pânico: e se se tivesse enganado? Mas não: lá estavam os montes ao longe, no lado para onde o homem tinha apontado. Talvez mais adiante: ele tinha dito que pouco depois...

De repente sentiu uma alma nova: lá ao fundo, na segura da planície, divisava-se o risco de uma estrada.

Quase correu. Depois estafado, abrandou o passo ainda tinha muito que andar: o homem bem o tinha avisado.

Daf a pouco chegava a estrada, uma fita branca que se estendia para cada um dos lados interminavelmente.

Com decisão tomou pelo caminho do lado direito. Agora já devia falar pouco. O home tinha dito três horas. Mas ele já tinha andado muito mais. Os pés já se arrastavam com dificuldade. Desde manhã a andar... Mas a estação do comboio devia estar ali já perto... já perto.

Nada. Nem sombras de edifício algum na planura imensa.

Parou para descansar os pés. Já não podia mais. Mas também não se podia demorar: se lá chegasse e já não apanhasse o comboio...

Tinha tido tanto trabalho para guardar os últimos tostões para poder comprar o bilhete...

Lá ao fundo um pastor olhava nostálgico um bando de cabras esqueladas e feias.

O homem quase correu para ele.

— Oiça lá! Sabe se ainda falta muito para chegar à estação do comboio?

O pastor olhou-o com estranheza:

— Comboio? Por aqui?

— Sim. Disseram-me na aldeia, chegava à estrada depois do bosque, e vinha para o lado direito...

— Ah, isso é para o outro lado. Para este lado a estação fica a dois dias de caminho!

E foi nesse momento que o homem se lembrou que era canhoto.



KOL
MAPLES
LISBOA — Av. Columbano
Bordalo Pinheiro, 87/89
PORTO — Av. da Boavista,
1892/1812

IN CULTURA GERAL

PARTIDAS

Ora meus estimados alunos, visto que por toda a parte se proclama a necessidade de se ensinar política ao povo, a este bom povo que nunca teve ninguém que lhe ensinasse nada (a não ser eu) julgo que é minha inalienável obrigação dar-vos algumas normas de conduta social e política, para ajudar a politizar-vos, que é coisa que faz muita falta a muito boa gente.

Ora para começar, teremos que aprender a verdadeira definição dos partidos.

Toda a gente sabe que durante muitos, muitos anos, cá na santa terrinha

houve apenas um partido. E como se tratava de coisa rara, visto ser exemplar unico, naturalmente era eu preciso ter muito cuidado com ele: é de resto bem conhecido de todos os negociantes de antiguidades que o facto de uma peça unica estar partida não lhe tira o valor: em certos casos até o aumenta, porque diminui a margem que existe entre o haver a coisa ou não haver nada: e no caso que nos interessa, a coisa havia (oh se havia!) E era preciso, visto que por definição estava partido, tratá-lo com muito jeitinho, nãp se fosse ele escaqueirar de vez.

Os meus ilustres alunos

sabem perfeitamente que sempre houve e há-de haver pessoas de má índole e de maus instintos: é natural que existindo apenas uma peça unica, em poder dum reduzido número de senhores, os malandrins tentavam tudo para ver se lhe rouba-

vam. E foi por isso que durante todo o tempo — quase meio século — em que essa peça rara se manteve como unica no seu género em Portugal, por diversas vezes houve quem a tentasse assaltar.

No entanto os seus possuidores estavam tão

convencidos que, embora partido, aquilo havia de durar eternidades que até diziam que a massa que ligava os bocados todos representava uma união perfeitissima: achavam-na tão perfeita que até lhe chamavam a União Nacional.

Infelizmente o tempo não perdoo, e aquela cola que segurava o objecto partido (ou seria o abjecto?) começou a dar de si.

Ultimamente quando o fabricante da peça esticou, chamaram um outro especialista para ver se o partido não abanava tanto, mas os resultados cedo se mostraram pouco optimistas para os coleccionadores, muito embora o tal especialista sempre se mostrasse sorridente e confiante nos seus trabalhos de restauro.

O destino porém foi inexorável: a verdade é que estava partido, e tantos apertões e estorçoções levou que certa madrugada, de partido que estava se fez em cacos.

E como aquilo era a unica riqueza daqueles coleccionadores, e servia de pinhor a todos os gastos que eles descansadamente faziam, convencidos que aquele objecto, mesmo partido, garantia tudo, ficaram na miséria de um dia para o outro.

Claro que como o objecto se partiu em muitos cacos, ficaram espalhados por toda a parte, para a esquerda e para a direita do pedestal, dezenas e dezenas de bocados partidos.

Que agora as pessoas tentam juntar para ver se arranjam qualquer coisa que seja de real valor.



BACALHAU À TENREIRO (Receita concedida por via telefónica e amável deferencia de "maitre" Tomás do Restaurante "Pirata Azul", no Rio de Janeiro)

Ingredientes:

- 500 grs. de bacalhou, de preferencia roubado.
- 4 pepinos
- 2 beringelas
- 250 de natas
- 2 santolas
- Salsa picada, pimenta e uma xícara de chá de molho vilão.

Preparação:

É extremamente simples, embora muito dispendioso quando não se consegue roubar o bacalhou, este delicioso prato, já aclamado por todo o "café-society" carioca.

Conserva-se o bacalhou em vinha de alhos, durante 24 horas. Seguidamente, desfia-se, em noite de Lua Cheia (pormenor muito importante), mistura-se com os pepinos cortados às rodélas, cobre-se com as natas e o recheio das santolas e junta-se-lhe as beringelas abertas longitudinalmente. Tempera-se com salsa, pimenta e molho vilão e coloca-se a requintada mistura num tabuleiro que vá ao forno onde se deve manter durante uma hora.

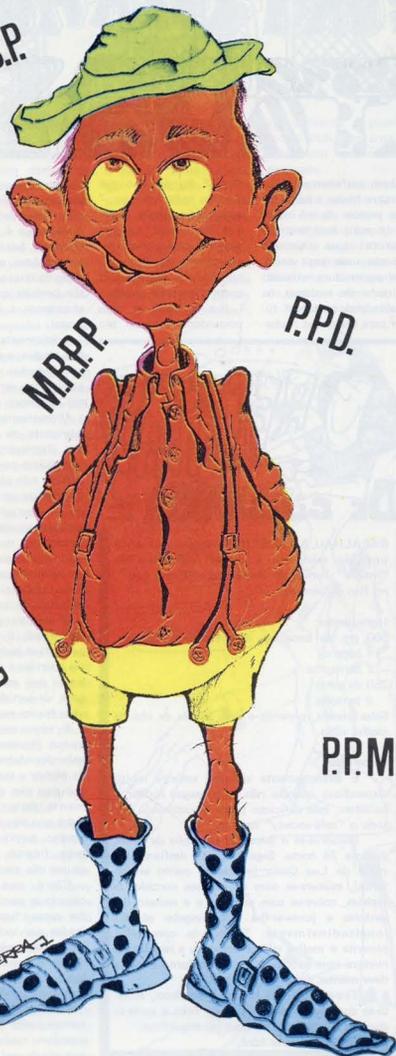
Tira-se do forno, deixa-se arrefecer, enfiata-se em quadrinhos de pão frito e mete-se durante três quartos de hora no frigorífico.

Depois, deita-se fora.

* VERÃO EM *
* PORTUGAL *
* TORNE AS SUAS *
* FERIAS *
* MAIS AGRADAVEIS *
E MENOS DISPENDIOSAS
COMPRE UMA CARAVANA *
TELEFONE PARA 721007 *
DEFORMEC
DEP. CENTRAL DE PROM. E PESQ.
RUA ABADE FARIA, 9/A

AGORA SÓ PRECISAVA SABER O QUE
É ISSO DE POLÍTICA!!

P.S.P.



MR.P.P.

P.P.D.

P.C.P.

P.P.M.



A CONSOLAÇÃO

- EL-REI
— D. Paio, vinde cá que novas tenho para vos contar!
- D.PAIO
— Que novas, senhor? Dizeide prestes!
- EL-REI
— Novas hei recebido do nosso reino...
- D.PAIO
— Do nosso ex-reino, quereides dizer...
- EL-REI
— Ou isso. Mas confiaí, D. Paio, que breve creio que ali voltaremos!
- D.PAIO
— Boas novas são essas, majestade! Como o heis sabido?
- EL-REI
— Chegou nova leva de foragidos num dos últimos galeões que entraram a barra. E eles me trouxeram as novas de que no nosso reino, muitos desejam o nosso regresso.
- D.PAIO
— Disso não tenhais duvida, majestade! Todos os nobres que dum momento ao outro se viram espoliados daqueles proventos que tanto prezavam...
- EL-REI
— Pois é! Mas não deveis esquecer que muitos ainda lá ficaram, e mais do que isso, lá ficaram com altas tenças e proventos!
- D.PAIO
— Que me dizeides, senhor? Acaso não foram todos justicados pela população enfurecida?
- EL-REI
— Soides ignorante, D. Paio! Então não sabeides que a conjura que nos derrubou do poder, se opõe incompreensível (mas confortavelmente) a que sejam sumariamente justicados os servidores da minha corte?
- D.PAIO
— Bem hajam por isso, majestade! Se soubesseides os cagaços que hei tido durante todos estes tempos, sempre à espera de ver chegar algum aguzail e demandar-me para me levar ao garrote...
- EL-REI
— Nem penseis nisso, D. Paio! Esse métodos de justiça pertencem às pessoas de outra condição! Alembraide-vos que para fazer isso é preciso terem os conjurados o poder. E tanto quanto a gramática lhes foi aplicada, os conjurados regulam apenas os poderes...
- D.PAIO
— A mim me parece o mesmo...
- EL-REI
— Soides néscio, D. Paio.
- D.PAIO
— Pois quê? Então não detinheis vós o poder quando reináveis?

cont. na pág. 10

AGORA QUE
ACABOU A
GUERRA...
VAMOS A VER
SE
APROVEITAM
O AÇO DOS
CANHÕES
PARA
FABRICAR
ENXADAS



A CONSOLAÇÃO

cont. das centrais

EL-REI

— Detinha! E por isso, porque era que detinha o poder, todos os poderes me serviam! Mas se acaso só detivesse os poderes, nunca poderia ter tido o poder!

D.PAIO

— Grossa confusão me fazeides, senhor. Mas explicai-me porque dizeides que prestes regressaremos ao nosso ex-reino...

EL-REI

— A isso vos... Os meus vassallos que no último galeão chegaram trouxeram-me novas bastante confortantes. Eles me contaram que no nosso ex-reino, onde como vós muito bem sabeis os nossos reis súditos se mantinham leais na maior parte dos casos apenas para defenderem os respectivos morfos, sem que no serviço da defesa dos princípios pusessem qualquer resquício de entusiasmo, hoje começa a agrupar-se e começa a ganhar força o partido da coroa...

D.PAIO

— Estranhas novas são essas, majestade! Que teria dado a esses nobres para assim mudarem de sentido?

EL-REI

— Vós não percebeides nada de coisas políticas, D. Paio! Sabeides que até mesmo eu, quando estava no meu reino e no meu ofício de reinar...

D.PAIO

— Custoso ofício por certo!

EL-REI

— Bem o podeis dizer! Não vos esqueçais do trabalho que eu tinha de andar pelo meu reino fora, a cortar fitas e a inaugurar chafarizes. E o sofrimento que assolava a minha alma de cada vez que inaugurava mais um chafariz sabendo que ali se iria gastar muito mais água, que depois tanta falta iria fazer para os rendosos mercadores do vinho a marteio!

D.PAIO

— Verdade é, majestade! A isso sempre eu dizia com os botões do meu gibão que era um momento de tempo e de cabalês. No tempo dos nossos maiores também os vossos antepassados inauguravam coisas, mas eram coisas que não prejudicavam ninguém: cruzinhos, pelourinhos e coisas assim, que um canteiro fazia e que depois ficava a perpetuar a glória dos governantes de antanho...

EL-REI

— Verde é, D. Paio. Mas que quereides? Gentes de maus instintos e de novas ideias trazidas das terras dos infelizes começaram a propagar que o povo tinha que ser cumulado de benesses, imaginaide, como se de nobres se tratasse!

D.PAIO

— Tristes tempos vivemos, majestade!

EL-REI

— Pois é. E o pior foram esses servos da gleba das terras do nosso reino que partiram em demanda de outras terras, e que tempos depois voltavam, ostentando pingues riquezas, e ruidosas caleches, e vieram dizer aos outros que nessas terras de infelizes podiam ganhar dobrões a fazer o serviço onde o nosso reino só ganhavam maravedis...

D.PAIO

— Deveides ter-lhes cortado as cabeças, majestade!

EL-REI

— Bom, nunca me resolvi a isso, porque bem vos alembraides que muitos deles ao fazerem as suas correrias e razias nessas caleches, muitas vezes faziam questão de se lançar por ribanceiras abaixo, partindo as caleches, partindo as arvores e tantas vezes partindo os capacetes...

D.PAIO

— Se bem me lembro!

EL-REI

— E isso para o reino tinha uma vantagem: para arranjarem de novo as caleches, davam trabalho e ganhos aos ferreiros do nosso reino. Como por outro lado muitos morriam nessas competições, não achi que valesse a pena cortar a cabeça aos outros...

D.PAIO

— Pois foi. Mas mesmo assim trouxeram muitas ideias daninhas ao nosso povo...

cont. na pág. 11



astro-lábia

por: *Korus Kopus*



CARNEIRO

TRABALHO — O trabalho esta semana está muito complicado. Pense só: você quer férias; o seu patrão quer férias. Os seus colegas querem férias. Quem é que trabalha, afinal? **AMOR** — Contente-se com uns encontros no fim-de-semana e não se exceda. A liberdade é uma coisa muito bonita mas liberdade é uma coisa e liberdades é outra. **SAUDE** — Está com sorte. Esse torçorico vai passar com o tempo quente que se aproxima.



TOURO

TRABALHO — Isso é que é lata! Então você que é um califão profissional, tem o descaramento de vir sabei como foi o seu trabalho? O que você precisa é de ser sanado! **AMOR** — E aqui também um saneamentozinho não lhe fazia mal nenhum. Você parece que tem mais garganta que outra coisa...

SAUDE — Claro que não fazendo nenhum, a saúde tem que ser boa. Você precisava era de trabalhar qualquer coisa umas vez por outra...



GÊMEOS

TRABALHO — Não se esprema muito. Já sabemos que você gosta muito de fazer habilidades e mostrar que vale mais do que os outros. Mas olhe que isso é anti-democrático. E isso é mau. Não sabia?

AMOR — Aqui é que você pode pôr à prova as suas habilidades. Parece que a sua patroa tem andado um bocadinho abandonada. Onde é que você se anda a perder? **SAUDE** — Trate da bronquite. Essa coisa de andar a tossir no peçoço das miúdas não é bonito.



CARANGUEJO

TRABALHO — Bom trabalho, sim senhor! Você já descobriu que andar para trás rende menos do que andar para a frente. Por isso esse trabalho de fazer contagens decrescentes nos desafios de hóquei está-lhe mesmo a calhar.

AMOR — Aqui não ganha nada em andar para trás. Por muito que lhe custe, pelo menos uma vez por outra tem que andar para a frente. Que diabo: não se pode ter tudo...

SAUDE — Tirando esse pic-pic que você diz que é das melgas mas que se calhar é de outra coisa, não vai mal.



LEÃO

TRABALHO — Não se esqueça que o campeonato já não demora muito. O melhor é começar a praticar de novo. O dinheiro não se ganha no banco dos suplentes...

AMOR — Essa coisa de você mandar dizer à pequena que não pode ir passear ao domingo com ela, é grave. Não se esqueça que há mais na bicha...



ESCORPIÃO

TRABALHO — Isso é maldade. Você não é lá grande peça. Isso de deixar os papéis em monte para os seus colegas, só porque vai de férias, é indecente.

AMOR — E isso de deixar a pequena a ver televisão em casa enquanto você vai para a esplanada ver as outras, também. Afinal para que serve você? Julga que lhe basta ser decorativo?

SAUDE — Bom se anda com dores nos rins, já tem desculpa. Vija se não anda tanto de bicicleta. Para isso está lá o Agostinho.



SAGITÁRIO

TRABALHO — Bravo! Foi Aumentado! Já pode pôr as contas do carrito em ordem, e talvez até pagar aqueles cem pau que lhe emprestamos no mês passado! O que? Não foi a?! Ora gata! Então para que foi que o aumentaram? **AMOR** — Bom ao menos comprou uma prenda qualquer para a patroa! Não se esqueça que ela lá em casa farta-se de trabalhar!

SAUDE — E não se meta hoje muito nos copos. Já sabe que isso lhe dá para o sentimento e pode haver bronca se você começar a chamar Mimi à patroa que é Tátá.



CAPRICÓRNIO

TRABALHO — Pense bem antes de iniciar qualquer trabalho. Talvez seja melhor não o começar. Você é tão azelha...

AMOR — Pense bem antes de iniciar qualquer amor. Talvez seja melhor não o começar. Você é tão palerma...

SAUDE — Pense bem antes de fazer qualquer tratamento. Você está tão mal...



AQUÁRIO

TRABALHO — Esta semana as coisas vão-lhe correr muito bem. Vai ser despedido.

AMOR — E ela também vai correr consigo, por incompetência.

SAUDE — Para que é que você a quer?



PEIXES

TRABALHO — A pescada está caríssima. O carapau também. A sardinha é uma desgraça. Que trabalho o dos peixes!

AMOR — Ah mas o amor dos peixinhos é outra coisa. Que amor! Que peixinhos!

SAUDE — Uma ligeira inflamação. Mas com cuidado, passa e não se dá por isso.

A CONSOLAÇÃO

cont. da pág. 10

EL-REI

— Seja como for, depois que nós de lá saímos, eu próprio me sinto muito mais convicto dos meus direitos de reinar. Como vos dizia, quando lá estava, as minhas crenças no poder nunca foram muito grandes...

D.PAIO

— Senhor, que me dizeides?

EL-REI

— A verdade, D. Paio! Então vós não sabeides que quem quer bolota é quem trepa? Ora se eu já tinha trepado e já tinha a bolota toda que queria... para quê me ralar?

D.PAIO

— Sendo assim...

EL-REI

— Assim é, D. Paio. Alembraide-vos que na minha corte tudo me era preparado: tinha todos os meus conselheiros que sempre me aconselhavam o que era melhor: tinha a Santa Pídica Inquirição que me livrava de todas as conjuras...

D.PAIO

— Mas não vós evitou a última!

EL-REI

— Pois essas contas lhes hei-de pedir! Devem ter adormecido, esses camelos!

D.PAIO

— Adormecido?

EL-REI

— Com cortezal! Convenceram-se que os infelizes nunca tentariam derrubar o poder...

D.PAIO

— E lixaram-se!

EL-REI

— Obviamente! E hoje só me resta uma consolação.

D.PAIO

— Qual é, majestade?

EL-REI

— É que os conjurados lhes vão limpar o cebo que eu lhes devia ter limpo!

OLHO VIVO

Uma nova revista humorística acaba de aparecer à venda, devendo-se a iniciativa à Agência Portuguesa de Revistas. Chama-se "Olho Vivo", é quinzenal e tem como director o nosso prezado camarada João Benamor.

A nova publicação, cujo primeiro número se apresenta com bastos motivos de interesse, bem como aos proprietários e director, deseja a equipa de "Os Ridículos" as maiores prosperidades e bom humor permanente.

REPARACOES

QUER REPARAR O SEU APARELHO DE TELEVISÃO-RADIO TELEFONE PARA 721007

DEFORMEC

DEPARTAMENTO CENTRAL DE PROMOÇÃO E PESQUISA - RUA ABADE FARIA, 9/A



O FADO

ALGUÉM
QUE O DEMO LÁ TEM,
DITADOR DANADO
QUE FOI MALANDRO BEM GRANDE NO NOSSO PASSADO...
ESMAGOU COM CAUTELA
A ARTE E A VIDA,
DA TERRA MAIS BELA,
DA TERRA MAIS QUERIDA...
SUBIU
ATÉ ONDE QUIZ,
ESPEZINHANDO O POVO,
E DISSE QUE ESTAVA A FAZER O SEU ESTADO NOVO!
E O ZÉ ESCRAV' ZADO,
NÃO DEIXOU DE ESPERAR...
ESPEROU CINQUENTA ANOS
E MIL DESENGANOS
P'RA SE LIBERTARI!

FAZ RIR
A IDEIA DE OUVIR AGORA UNS SENHORES,
DIZER QUE NUNCA GRAMARAM ESSES DITADORES!
ANDAM A GRITAR
VIVA A LIBERDADE,
COMO ANTES GRITAVAM PELA MOCIDADE...
AQUI VOS DIGO QUE OUVI
UM GRITO QUE INCIDE
NOS MILHARES DE BUFOS SERVENTES DA PIDEI!
DEIXÁ-LOS GRITAR,
NÃO É GRANDE PERDA!
POR NOSSA VONTADE,
QUEREMOS LIBERDADE
E ELAS QUE VÃO À MERDA!



CRÔNICAS DA CONTRA PÉLONHA

AMÉRICO NA AMÉRICA

DESPACHO CEM



O Despacho CEM sobre a Marinha e a sua reorganização eram o título de glória do septuagenário Almirante.

Por dá-cá-aquela-palha, erguiam-se as vozes adoladoras, a lembrar a importância do Despacho Cem, o espírito revitalizador do Despacho Cem, a concepção genial do Despacho Cem, a sua mística, o seu alcance e a sua retumbante repercussão. Vasco da Gama, coitado, descobriu o caminho marítimo para a Índia — mas não escrevera o Despacho Cem! O afortunado Pedro Álvares Cabral chegara a terras de Verã Cruz ou Nova Lusitania mas não escrevera o Despacho Cem. Os irmãos Corte-Real haviam alcançado a Groenlândia — mas não a inspiração para elaborar o Despacho Cem. Enfim, os navegadores de antanho tinham dado mundos ao mundo — mas não tinham dado o Despacho Cem!

Tam empresa coubera no século XX a Américo Tomás que obscurecia a fama do outro Américo, o Vespúcio. No "Foreign Office", os solenes alto-funcionários compunham informações para Isabel II sobre o émulo português de Nelson e o seu famoso Despacho Cem. Os espíões Russos afadigavam-se em Lisboa

para fotografar, à sorrelfa, as páginas vitais do Despacho Cem que transportariam para o ansioso Kremlin, em microfílmis alojados em dentes ocios. Mao Tse-Tung, sombrio de repente, sonhava em voz alta com o Despacho Cem. Todo o mundo estava atento ao Despacho Cem. A própria Suíça, sem mar e sem Marinha, tentava conhecer o teor do Despacho Cem para aplicá-lo nos seus lagos!

Modesto e cabisbaixo como se tanta glória lhe pesasse, o Almirante Tomás prosseguia a sua carreira desveladamente aquática. Tudo quanto fosse água no país, pertencia aos seus domínios e preocupações. Nenhum chafariz se inaugurava em Portugal sem a sua presença enternecida. Nenhuma barragem soltava o primeiro jorro sem que ele le lançasse dentro, na imaginação, um gracioso barquinho de papel. Ne-

hum copo-de-água se celebrava sem que ele o viesse provar. Numa palavra: o país metia água por todos os lados para consolo na velhice do fautor do Despacho Cem.

Os seus discursos eram fanhosos, repetidos, monotonos, autênticas peças de oratória de um debilóide a que já não havia Instituto de Recuperação

POR

EZEQUIEL

que valesse nem suficiente dose de novocaina romana que pudesse reanimar. Mas, empalhado em vida, como uma figura do Museu Grevin a que faltasse a graça da cera, o Almirante esbarrondava-se em discursos e improvisos. Fizera o Despacho Cem. Agora, tinham de ouvi-lo.

Em certas famílias, mais ligadas ao Almirante, já não se conversava

ou jogava às cartas, depois do jantar. Instado pelos circunstâncias, o dono da casa lia à embaçada assembleia familiar o Despacho Cem que todos sabiam de cor e acabavam por repetir em uníssono, na parte final.

— É um regalo para a alma — diziam as senhoras, com os olhos repletos de lágrimas.

— Senão fosse a má-vontade dos suecos, o Despacho Cem tinha trazido o Prémio Nobel para Portugal — pontificava o "paterfamilias".

— O Américo merecia-o mais do que o Churchill — aventava alguém.

O Despacho Cem tornara-se uma instituição nacional, havia analfabetos que queriam aprender o ABC com o único intuito de lê-lo, estrangeiros que desaguavam de todas as latitudes com o fito de fazerem cursos intensivos de português e terem acesso ao celebrado docu-

mento.

Porém, um dia inesperadamente, cessou o corropio e falatório em torno do Despacho. O Almirante estava na Madeira. E, num ápice, muito mais depressa do que Álvares Cabral e sem ser por acaso, encontrava-se no Brasil.

Inactivo, sem discursos mastigados para fazer nem chafarizes para matar a sua sede de mar, o Almirante do Leblon recusava-se a escrever as suas "Memórias". Sabe demais, diz ele, e esta frase, estas duas palavras lançam uma certa perturbação.

Saberá demais sobre os escaninhos da actividade do seu amigo do peito, o almirante Tenreiro? Se é isso está bem, ninguém pede que entere ainda mais um amigo... Mas não é. Américo Tomás sabe demais porque já escreveu o Despacho Cem

cont. na pág. 14



HUMOR NE GRÖ

A Cicatriz

Eu tenho uma cicatriz no rosto. Cicatriz essa que foi consequência dum acidente de viação. Embati desastrosamente numa árvore, que o azar colocou no meu caminho quando na minha qualidade de homem másculo, e dinâmico, olhava para uma sexy-garota.

A partir desse momento fiquei com essa cicatriz odiosa que me criou um complexo de inferioridade.

Consegui juntar dinheiro, e resolvi fazer uma operação plástica no rosto, com a finalidade, de

voltar a ser aquilo que eu em tempos era. Um indivíduo sem complexos.

Algum tempo após a operação, quando, pela primeira vez, vi o meu novo cenário, não pude acreditar naquilo que os meus olhos viam. Fiquei banzado, não pode ser. Este não sou eu. Apalpei a cara, mexi na pele. Não é falso. É a realidade. Após ter alta no hospital desloquei-me para casa; as moças que por mim passavam olhavam perplexas, ficavam abstractas, e embatiam distraidamente nos candeeiros, paredes etc.

Eu era aquele homem

que as mulheres admiravam, extasiadas com tamanha beleza.

Durante estes factos pensei o que aconteceria quando chegasse a casa. Qual seria a reacção da minha mulher. Bati à porta, e reparei que primeiro ficou surpreendida, e, decorridos três minutos quando voltou a si, disse: — És tu Aristides?

— Sim, sou eu Dolores. Não dissemos mais nada, porque a minha mulher desmaiou. Nisto, apareceu minha cunhada, que ao ver-me se agarrou a mim loucamente, rasgando-me a camisa apertando-me o pescoço e dizendo palavras que eu nem cheguei a perceber. Fugi de casa, e por onde passava as moças diziam:

— Você é tão brilhante!!!
— Mas nice, que tarra...

Quando me desloco para o trabalho, normalmente faço-o de eléctrico pois é um meio económico de uma pessoa se transportar. Tomei o eléctrico e, fiquei, de pé. Imediatamente, algumas garotas se aproximaram, outras, levantavam-se, e resolveram apertar o cerco. A voz e as palavras: Pensei: desta não escape; mas, inesperadamente o eléctrico embate frontalmente num outro veículo.

e as pessoas são projectadas para a frente. Aproveitando a confusão consegui esgueirar-me. Cheguei à empresa onde trabalho; eu sou o encarregado dum secção de montagem de televisores, São somente oitenta mulheres que trabalham comigo. Quando me viram, devido à surpresa demoravam quatro minutos a reagir, mas quando o fizeram foi o caos. Parecia uma manada de elefantes em corrida desenfreada. Alguns televisores cairam no chão e partiram-se. Eu a fugir sem saber para onde ir. Elas não paravam e com elas vinham outras, outras e outras. A porta de saída. Ei-la. Corri em direcção do posto da policia que

havia perto e barriquei-me lá.

Cá fora uma multidão do sexo feminino, aguardava, manifestando-se com cartazes e gritava:

— QUEREMOS O ARISTIDES.

— NÓS AMAMO-LO.

Pedi ao chefe da policia que me transportasse nem que fosse num "CHAIMIRTE" ao hospital de cirurgia plástica.

A muito custo cheguei são e salvo ao hospital, onde implorei ao médico que voltasse a fazer-me a cicatriz que me tornava um entre tantos.

Agora, tenho a cicatriz uma casa e trabalho, onde me sinto feliz. Só não tenho uma coisa: O COMPLEXO.

TEMOS UM... AUTO-MÓVEL PARA SI

DIGA-NOS
A MARCA, O ANO, E CIDADANIA
DIGA-NOS COMO QUES O SEU FUTURO AUTOMÓVEL
AO NÍVEL DA SUA BOLSAS

E COMO QUER PAGAR
CONTACTE CONNOSCO: 721007
TELEFONE:

Deformec
DEPARTAMENTO CENTRAL DE PROMOÇÃO
E PESQUISA - RUA ABADÉ FARIA 94 LISBOA

DESPACHO CEM

cont. na pág. 13

e toda a sabedoria do mundo, desde Confúcio a Bertrand Russel, se encontra ali contida.

No silêncio do seu exílio carioca, terá agora tempo para rever e modernizar o Despacho Cem e, graças, para propô-lo ao Ministério da Marinha do Brasil. E o General Pinochet, da Junta Chilena, procurará certamente sondar a possibilidade de América. Tomas, rabisar um projecto de Despacho

Cem para o seu país.

Na América do Sul, desde os pampas até aos confins da Amazônia, de novo reinará a fama do Despacho Cem. E os passados tempos e idades oprimidos inclinos, vindos a liberdade de expressão, a utilização por força do reconhecimento de que os amor dos "fan-tans" acerca de um recém chegado ao país a ser português, arragalarão os olhos e bifeirão aos missionários.

Mas como foi possível viver tanto tempo sem conhecer o Despacho Cem?

reboia a bola

A VOLTA



— Tá lá? Tá lá? Onde fala?

— Ici Paris! Qui parle?

— Quero falar com o Agostinho! Agostinho! Comprenez?

— Sou eu! Diga lá o que é que você quer.

— Homem boa tarde, ao menos. Eu queria escrever um artigo a seu respeito. Preciso das suas declarações.

— Homem, eu não declaro nada! Estou farto de fazer declarações, e não ganho nada com isso.

— Está bem, Agostinho, mas a gente queria saber se você sempre vem correr na Volta a Portugal?

— Se eu volto a Portugal? Claro que hei-de voltar, para ver a família...

— Não é isso homem. Se vem correr?

— Não a correr não vou. Naturalmente vou de avião ou

de comboio...

— Não esteja a renar! Você tem que entrar na volta. A volta sem você não vale um chavo. Não tem interesse nenhum. Olhe que os espanhóis já nem querem que a gente vá a Badajoz.

— Fazem eles muito bem. Eu também só gosto de ir a Badajoz às touradas...

— Mas não é disso que se trata. Você não tem o direito de faltar à volta a Portugal. Você é o número um. É uma glória nacional. É um cartaz turístico.

— Pois é. Mas sabe, eu sou farto de andar de bicicleta!

— Está doente?

— Estou pois. Cada vez que ando um bocadinho mais de bicicleta fico com a bexiga apertada e tenho que ir fazer xixi...

— Homem, isso toda a gente faz mesmo sem andar de

bicicleta.

— Pois é mas os urinóis que aí instalam nas voltas são muito caros. De cada vez que me sirvo deles, fico sem um dinheirão. E por isso não posso entrar nessas filarmónicas.

— Você está a brincar, Agostinho. Então você só por uma coisa sem importância como é um xixi, já não quer vir correr ao lado dos seus camaradas nas estradas da sua terra?

— Não posso homem. Estou proibido pela minha Zefa! Sabe, da primeira vez eu tinha-lhe prometido que com o dinheiro da volta lhe comprava uma mobília nova para a cozinha. Frigorífico e tudo. Quando a volta acabou houve um senhor que me mandou verter águas e com mais conversa menos conversa lá mijeji a mobília toda!

— Homem, isso foi por

causa das análises...

— Talvez fosse, mas a minha Zefa é que ficou bera como a ferrugem. Depois foi no ano passado, lá fui outra vez. E olhe que nem pedi para passar em Brejenjas, que era um gosto que eu tinha. Dessa vez tinha dito à minha Zefa que lhe comprava um carrinho.

— Pois foi, e no fim...

— No fim, com mais Jacquard menos Idalino, com mais Sporting menos análises, mais Retaline menos Auto-dril, a verdade é que corri, corri, e depois mijeji tudo que tinha corrido, e lá foi também o carrito...

— Foi pouca sorte...

— Foi mas foi pouca vergonha! E olhe amigo... Na primeira cai qualquer, na segunda cai quem quer. E eu já cá duas vezes...

— Pois você tem azar a

cair...

— Mas agora não caio. E olhe lá: quem é foi da ideia de me vir chamar para outra volta?

— Bom toda a gente gostava...

— Toda a gente gostava que eu fosse mais parvo do que o que sou? Olhe que essa não esperava eu.

— Homem, resolva-se! Lembre-se que é a volta nacional. O ciclismo português precisa de si.

— E nos outros anos não precisava?

— Claro que precisava. Você é o melhor...

— Então deixe lá. Até já disseram que sem eu ir a volta tem mais interesse para os outros...

— Isso são desabafos...

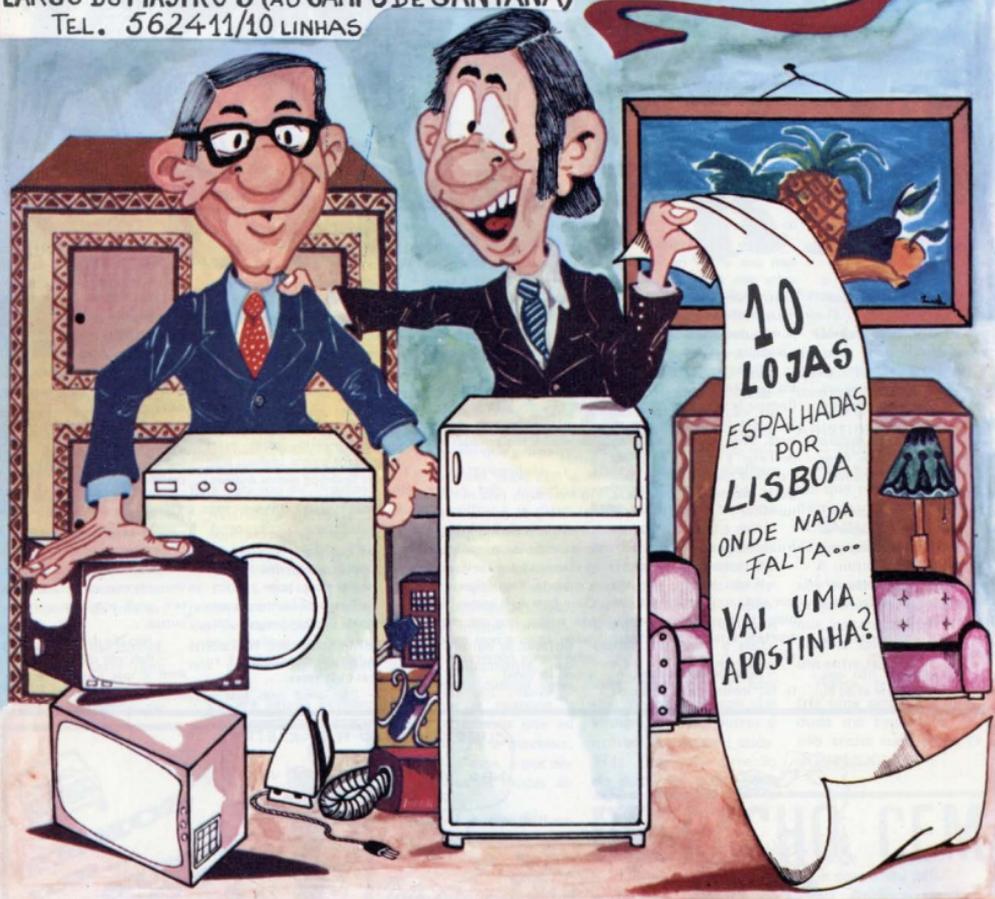
— Pois vão desabafando. A mim é que não me abafam outra volta...



EPÓSIO LÉVEL
-03/1974

SUPERMANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)
TEL. 562411/10 LINHAS



A MAIS FABULOSA GAMA DE APARELHAGENS
ELECTRODOMÉSTICA E DE SOM ESTEREOFÓNICO DAS
MAIS FAMOSAS E ACREDITADAS MARCAS MUNDIAIS
MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
"EPEDA" E "DELTALOC"